

# Momento decisivo



## Um caminho difícil

Eles tinham de percorrer juntos aquela estrada. Para ela, parecia impossível. *Por SHARON RANDALL*

**D**E ONDE MORO, NO litoral envolto em névoa da Península de Monterey, na Califórnia, não há caminho fácil para se chegar a lugar nenhum. Temos estradas com vistas deslumbrantes, abraçando penhascos bem acima da rebentação das ondas, mas poucas pistas de alta velocidade.

Para se ir a São Francisco, ao norte, segue-se pela Old Coast Highway, e depois se passa à 101, rodovia de várias pistas, que, dependendo do tempo e do tráfego, acabará por levá-lo aonde quiser ir – ou por deixá-lo maluco.

A parte que eu mais temia, porém, era um trecho estreito, de duas pistas, de uma estrada que ligava as

## Momento decisivo

duas rodovias. No sul, onde me criei, essas estradas são chamadas de “trilhas de gado”, porque ali trafegam equipamentos de fazendas e viaturas que andam a uma velocidade bovina.

As estradas são como as pessoas; têm personalidade – tingidas pelo modo como as vemos e o que sentimos a seu respeito em determinadas ocasiões.

Meu marido ensinou-me isso sobre as estradas. Randy era um atleta, de corpo e alma. Treinador de basquete da escola secundária, adorava suas equipes e treinava duro com elas. Era um maratonista que podia correr quilômetros sem se cansar. Em 25 anos de ensino, raramente ficou doente. Até que teve câncer.

A partir daí começamos outra corrida: a maratona que durou quatro anos até o Centro Médico da Universidade de Stanford, para cirurgias, radioterapia, quimioterapia e algumas emergências. E para chegar ao hospital tínhamos de percorrer aquelas estradas impossíveis – quase 150 quilômetros, duas horas. Eu odiava cada minuto e cada centímetro. Detestava especialmente aquele gargalo de duas pistas congestionadas. Aí começaram as obras.

Randy nunca reclamou. Mas, à medida que ia ficando mais fraco, eu tentava evitar aquela trilha de gado, procurando encurtar nossa viagem. Passava horas estudando mapas e me desviava quilômetros do caminho, tentando circundá-la – só para, no fim, descobrir que não havia jeito de evitá-la. Não tinha escolha senão passar por ali – mas não era obrigada a gostar disso. Assim, enquanto meu marido cochilava, ajudado pela morfina, eu

trincava os dentes, agarrava o volante e sentia meu estômago revirar-se.

Um dia, quando estávamos atrasados para uma consulta, pensando que ele estivesse dormindo, resmunguei baixinho:

– Odeio essa droga de estrada!

– Seis quilômetros – disse Randy.

Olhei para ele, cujos olhos estavam fechados.

– O que você disse? – perguntei.

– Esta parte da estrada – respondeu ele, com a voz calma de treinador, como se falasse com um aluno. – São apenas seis quilômetros. Isso é fácil. A gente pode fazer qualquer negócio por seis quilômetros.

Verifiquei o hodômetro. Ele tinha razão. Exatamente seis quilômetros. Eu podia jurar que eram

---

‘As estradas são como as pessoas’, dizia meu marido. ‘Elas têm personalidade.’

---

## Momento decisivo

mais de 30. De repente ficou mais fácil dirigir. Não *pareceu* mais fácil. Era mais fácil mesmo.

Seis quilômetros era uma extensão viável. Era a distância que percorríamos, à tarde, de nossa casa à praia, ida e volta. Era a metade do comprimento de uma trilha de montanha com o perfume dos pinheiros, por onde ele gostava de andar em Yosemite, com um bebê nas costas. Quatro curtas viagens ao parque da cidade, para brincar com nossos filhos. Uma fração dos 42 quilômetros que ele um dia correu em maratonas. Seis quilômetros não era nada – certamente não espaço ou tempo suficiente para gastar com raiva e irritação, quando ele tinha apenas meses de vida. Assim, parei de reclamar.

Na maior parte do tempo, os olhos dele ficavam fechados, mas os meus estavam abertos. Comecei a olhar de fato à minha volta. E

apareceram verdes hectares de plantações de alcachofra reluzindo ao sol ou se ocultando quando havia névoa. Morangos e rosas exibidos em caixotes, nas bancas à margem da estrada. Um celeiro decrepito refletido no espelho verde de um lago cheio de algas. E um velho cavalo branco, que não podia mais nem trotar, olhando com pesar os carros correndo pela estrada aberta.

Todos eles tinham sempre estado ali, mas eu nunca prestara atenção. Randy ensinou-me a vê-los. Perder uma pessoa querida pode lhe partir o coração, mas também pode abrir-lhe os olhos.

Hoje, quando a estrada é sinuosa, longa ou difícil, eu a divido em partes, mentalmente. Divido-a em trechos de seis quilômetros. Podemos suportar qualquer coisa por seis quilômetros e até mesmo encontrar beleza e aceitação no caminho.

## PASSAGEM PELA ALFÂNDEGA



Deixei a África do Sul em 1948, no mesmo ano em que o governo que adotou o *apartheid* foi eleito. Por 42 anos a África do Sul foi um pária internacional, até a pacífica transição para o governo democrático de Nelson Mandela.

Há dois anos voltei ao país. No aeroporto, o funcionário da alfândega, notando que eu havia nascido lá, perguntou ao devolver meu passaporte canadense:

– Quanto tempo o senhor esteve fora?

– Cinquenta anos – respondi.

Encolhendo os ombros, ele disse:

– Na verdade, o senhor não perdeu nada.

—GRAEME O. SHELFORD, *Canadá*